

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-874-8 DOI 10.22533/at.ed.748192312 1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Bem-vindos, leitores e leitoras às dezenove reflexões que compõem este belíssimo e-book!

A própria identidade deste livro já anuncia aos leitores a pluralidade de conhecimentos que será encontrada em cada um dos trabalhos, em cada um dos autores e das referências utilizados. São textos que interagem a partir de uma estética multidisciplinar, criando cartografias de múltiplos saberes, ampliando múltiplos olhares, sobretudo por partirem de contextos variados de produção, reflexão e investigação do conhecimento.

A originalidade deste e-book se encontra inserida na pluralidade das reflexões que os autores propõem para o campo da pesquisa em multifacetados contextos em que a linguagem toma forma e inebria-se de sentidos. Todo texto apresentado é único pelo seu campo de investigação, o que não o torna uma ilha, mas cada um constitui-se de uma grande colmeia de saberes.

As discussões deste e-book são realizadas a partir múltiplos discursos, de muitas mãos, de muitos pensamentos que ao mesmo tempo em que problematizam, indicam caminhos capazes de direcionar o saber internalizado de cada sujeito que enxerga e aceita o qualificado desafio de passear entre as muitas veredas apresentadas no plano da coletividade de cada texto.

São dezenove capítulos que dialogam com outros autores, que garimpam as mais límpidas e ricas reflexões no trabalho multidisciplinar e contínuo da linguagem. O ponto alto de cada um dos dezenove capítulos organizados nesta obra reitera a necessidade de realização de trabalhos coletivos, engajados e repletos de significados.

Os capítulos desta obra juntam-se às múltiplas vozes em prol de um processo educativo capaz de comunicar, informar, esclarecer, problematizar e propor soluções. Sendo assim, todos os trabalhos passeiam entre os campos das Letras, das pesquisas linguísticas e das linguagens artísticas no fazer docente.

Cada capítulo demonstra um pouquinho de como seus autores pensam, de suas essências, de suas inquietudes e de seus sonhos. Em linhas gerais, esperamos que sejam valiosas, ricas, significativas e eficazes as reflexões, doravante, apresentadas neste e-book.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO HISTÓRICO DE LETRAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES FINAIS, NA MOBILIZAÇÃO DA INTERGENERICIDADE NA ESCRITA DO DIÁRIO DE APRENDIZAGEM	
Valdení Venceslau Bevenuto Marlene Maria Ogliari	
DOI 10.22533/at.ed.7481923121	
CAPÍTULO 2	13
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO BÁSICO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7481923122	
CAPÍTULO 3	24
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.7481923123	
CAPÍTULO 4	35
A CRENÇA ABSOLUTA NA VERACIDADE DOS DISCURSOS E DO LIVRO DIDÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A TEORIA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID/ INGLÊS	
Nayara Stefanie Mandarinino Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7481923124	
CAPÍTULO 5	44
A CONDIÇÃO HUMANA DO JOVEM LAZARO DE TORMES, NO CONTEXTO DA PICARESCA ESPANHOLA	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923125	
CAPÍTULO 6	50
A FOME COMO MÓVEL DA AÇÃO DO PÍCARO: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO PERSONAGEM LÁZARO DE TORMES	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923126	
CAPÍTULO 7	60
A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA	
Eduardo de Lima Beserra Rodrigo Selmo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7481923127	
CAPÍTULO 8	72
A LITERATURA BELLATINIANA E A NARRATIVA PERFORMÁTICA	
Erika Rodrigues Coelho Natalino da Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7481923128	

CAPÍTULO 9	80
AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS	
Patricia Luciano de Farias Teixeira	
Elizany Alves de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923129	
CAPÍTULO 10	91
CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: ROMPIMENTO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL OU ATUALIZAÇÃO DO GÊNERO?	
Maria Zildene Gomes Rabelo	
Denise Noronha Lima	
DOI 10.22533/at.ed.74819231210	
CAPÍTULO 11	101
O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	
Cecilia Maria Tavares Dias	
DOI 10.22533/at.ed.74819231211	
CAPÍTULO 12	113
FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA	
Vera Maria Luz Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.74819231212	
CAPÍTULO 13	127
MEMES VIRTUAIS, DISCURSO E LEITURA: APONTAMENTOS PARA UMA AULA DE LEITURA DISCURSIVA	
Gustavo Haiden de Lacerda	
Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo	
DOI 10.22533/at.ed.74819231213	
CAPÍTULO 14	132
MONITORIA ACADÊMICA DE LÍNGUA LATINA: INICIAÇÃO E APOIO AO TRABALHO DOCENTE	
Antonia Nayara Pinheiro Rolim	
Everton Alencar Maia	
DOI 10.22533/at.ed.74819231214	
CAPÍTULO 15	137
MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM -VEL	
Ana Lúcia Rocha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.74819231215	
CAPÍTULO 16	150
O LAMENTO DE ANDRÔMACA EM EURÍPIDES	
Luciano Heidrich Bisol	
DOI 10.22533/at.ed.74819231216	

CAPÍTULO 17	160
PODER E IMPOTÊNCIA: O JOGO DE REPERCUSSÕES EM A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR, DE HERTA MULLER	
Lucas Andreuchette Medeiros Ana Lúcia Montano Boessio	
DOI 10.22533/at.ed.74819231217	
CAPÍTULO 18	167
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO	
Lays Emanuelle Viédes Lima Márcia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.74819231218	
CAPÍTULO 19	179
O FAZER ARTÍSTICO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS)	
Stéfane Cristine Luz Freire Silva Gilson de Oliveira Morais Júnior Lucas Hordones Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.74819231219	
CAPÍTULO 20	188
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.74819231220	
SOBRE O ORGANIZADOR	200
ÍNDICE REMISSIVO	201

O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Cecilia Maria Tavares Dias
UNIFESSPA

RESUMO: O presente artigo faz uma análise à luz da psicanálise do conto *A Bela e a Fera*, versão de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, editada em 1757, apresentando algumas diferenças entre o conto e o desenho animado “A Bela e a Fera”, da Walt Disney. Utilizamos aporte teórico de vários autores, com ênfase para os postulados de Bruno Bettelheim. Objetivamos, com isso, mostrar a importância dos contos de fadas para a construção da personalidade das crianças, por isso, referendamos que a escola deve contemplar em seu currículo a leitura desses contos, para que a partir deles, promovam uma aprendizagem em que as crianças vivenciem de forma lúdica, os conflitos inerentes ao desenvolvimento psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: *A Bela e a Fera*; Escola; Desenvolvimento Psíquico.

ANALYSIS OF THE STORY OF THE BEAUTY AND THE BEAST TO THE LIGHT OF THE PSYCHOANALYSIS IN A CONSTRUCTIVE SLOPE FOR THE INFANTILE EDUCATION

ABSTRACT: This paper analyzes to the light of the psychoanalysis the tale *Beauty and the Beast*, Jeanne-Marie Leprince de Beaumont’s

version, published in 1757, presenting the differences between the tale and the cartoon “Beauty and the Beast” of Walt Disney. We use theoretical support from various authors, with emphasis on the postulates of Bruno Bettelheim. Thus, our purpose is show the importance of fairy tales for the construction of children’s personality, therefore, we must endorse that the school should include in its curriculum the reading of these tales, so that from them, promote a learning in which children play the conflicts inherent in psychic development in a playful way.

KEYWORDS: *Beauty and the Beast*; School; Psychic development.

1 | INTRODUÇÃO

Ler é viver o prazer da descoberta do mundo enigmático; é o caminhar por entre veredas ora sinuosas, ora uma passagem que nos permite chegar a um chão verde com flores vivas, cantos de sombra, céu colorido e muito mais que nossa imaginação guiada pela palavra nos leva a experimentar. A leitura tem esse poder de transportar as mentes para outras realidades; abrir espaços para a entrada do conhecimento.

No exercício de sala de aula, é imprescindível que se envolvam os alunos no universo da leitura, tanto pela importância de

que os alunos possuam uma efetiva formação leitora, bem como para trabalhar as dificuldades de aprendizagem de toda ordem decorridas da falta de leitura no seio de muitas famílias, bem como pela ausência de ações em muitas escolas, de projetos que promovam a interação dos discentes como o mundo colorido da literatura.

Este artigo aborda a importância da leitura dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança no que se refere à construção da sua personalidade, uma vez que a infância é uma fase em que o sujeito acumula vivências e experiências que lhe servirão de base para a formação da construção da sua vida adulta, bem como para o envolvimento do aluno com a leitura prazerosa do “Era uma vez num castelo muito distante...”. Para tanto, apresentamos primeiramente uma visão geral sobre o que está implícito nesse tipo de leitura, e posteriormente, à luz da psicanálise analisamos o conto *A Bela e a Fera* numa visão construtiva para o ensino infantil.

2 | A FACE OCULTA DOS CONTOS DE FADA

Nessa magia da leitura, ler um conto de fadas é viajar na fantasia dos castelos, da natureza encantada, dos seres imagináveis que configuram o conto um estado de equilíbrio, que, sucessivamente, encadeia uma série de episódios que se transformam em conflitos cujo estágio final é a resolução desses conflitos. Desse modo, para Kaufman & Rodríguez (2005, p. 21) “O conto é um relato em prosa de fatos fictícios”. Assim quando esse relato é lido ou ouvido tem o poder de despertar no leitor, principalmente, na criança sentimentos que não se podem descrever dada à atenção que dá ao desenrolar dos episódios, pois quando direcionados à infância contribui para um descobrir-se no mundo, como sinaliza Bettelheim:

Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas dão a entender que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas arriscadas sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade. (BETTELHEIM, 2002, p. 34)

Assim, o mundo mágico da leitura promove, gradativamente, o desenvolvimento do caráter de uma criança, pois normalmente fazem parte das narrações elementos fantasiosos com certos poderes, heróis que encantam com seus feitos, ricos tesouros materiais e/ou intelectuais cujas mensagens emanam lições de realização pessoal, entre outros enredos que contribuem para a formação da personalidade, como preconiza Dias:

Ler, portanto, para uma criança ou proporcionar-lhe o contato com a leitura em que ela mesma se deleite com o mundo dos contos de fadas é um investimento saudável para a sua formação ser/estar no mundo, pois alimenta a sua imaginação, bem como estimula a sua fantasia. (DIAS, 2015, p. 159)

Além do mais, a leitura é uma passagem antecipada uma vez que auxilia a criança a lidar com o presente, bem como a prepara para o futuro, desse modo, possibilita uma propensa separação de seu mundo familiar e o ingresso no mundo dos adultos. Por essas razões, os contos de fadas também são muito interessantes pela ambiguidade que apresentam, considerando-se a questão da repressão sexual, pois proporcionam à criança recursos para que essa saiba lidar com o imaginário, pois a narrativa deixa vir à tona manifestações da sexualidade infantil, fantasias e vários desejos.

A outra face do quesito ambíguo trata-se do aspecto pedagógico visto que os contos orientam a criança para desejos apresentados como permitidos ou lícitos, para isso, nas histórias são apresentadas punições aos personagens que transgridem, como por exemplo, no conto Cinderela na versão dos Irmãos Grimm em que as filhas da sua madrasta que eram muito más, têm os olhos furados pelos pombos (amigos da princesa), o que prescrevem o momento em que deve ser aceita a sexualidade genital. Nos contos de fadas, as pessoas ruins sempre perdem na vida, ou seja, recebem castigos pelas maldades que cometem o que torna a heroína, como a Cinderela, muito atraente e interessante para a criança.

Os contos de fadas têm o poder de atrair a atenção das crianças, uma vez que elas se identificam com as bravuras dos personagens, tais como, o lado terno e frágil da princesa, a altivez e sabedoria do rei, a coragem do príncipe e até mesmo a maldade da bruxa, entre outras características apresentadas nas diversas fases da vida. Em vista disso, passaremos a analisar os contos de fadas sob a ótica da psicanálise, destacando, principalmente, a visão do psicanalista Bruno Bettelheim, sobre a história de *A Bela e a Fera*.

3 | A BELA E A FERA NAS VERSÕES CONTO, FILME E DESENHO

O conto *A Bela e a Fera*, cujo relato não foi colhido da tradição popular pelos Grimm nem por Perrault, mas que foi celebrizado por duas damas francesas que produziram as mais populares versões da história, em meados do século XVIII, sendo a versão mais conhecida a de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, editada em 1757.

De acordo com Corso & Corso (2006), existem narrativas similares de moças entregues a noivos animais em todas as culturas, porém a mais célebre é esta que é a mais parecida com as narrativas tradicionais dos contos de fadas. Nela, até a cena final da transformação de monstro em homem, Bela ignora que sua Fera na verdade é um bonito príncipe enfeitado.

O conto narra a história de um mercador que perde a sua fortuna, restando apenas uma casa no campo, para onde se muda com os seus seis filhos (três filhas e três filhos). As moças são muito bonitas, mas a caçula além de formosa é trabalhadora, prestativa e generosa. As outras irmãs são egoístas e têm muita inveja da Pequena Bela.

Tentando recuperar a sua riqueza, o pai viaja para outro reino e indaga às filhas sobre o que elas querem de presente, quando da sua volta. As duas irmãs mais velhas pedem presentes que custam muito caro, e Bela, apenas uma rosa, alegando que naquelas bandas não germinava esse tipo de flor.

Para decepção das filhas ambiciosas, o pai não consegue reaver a sua fortuna. Na volta para casa perde-se na floresta, onde depois de muito andar, depara-se com um palácio, no qual encontra comida e abrigo, ficando espantado, pois não vira ninguém ali. Por essa razão, não tendo mais o que fazer a não ser voltar para casa. Porém algo, nesse momento, povoa-lhe a mente: o pedido de Bela. Então, passa a colher algumas rosas no jardim do palácio. Mas para a sua surpresa, algo de inusitado aparece: surge de entre as folhagens, uma figura horrenda, a Fera que o ameaça de morte pelo fato de roubar a flor, propondo, porém, que não o mataria se ele enviasse uma de suas filhas para morrer em seu lugar. Caso desobedeça à Fera, o pai deverá voltar dentro de três meses para morrer. A Fera dá ao mercador um cofre cheio de ouro.

Em casa, o pai conta aos filhos o ocorrido e os irmãos oferecem-se para matar a Fera, mas o mercador teme pelos filhos, portanto, não aceita essa proposta. Bela insiste em ir até a Fera em lugar do pai.

Com o ouro que ganhou da Fera, o mercador fica rico, novamente, e as suas duas filhas mais velhas fazem bons casamentos. O tempo passa e chega ao final o prazo de três meses e mesmo contra a vontade do pai, Bela o acompanha até o palácio da Fera. Ao encontrar-se com a Fera, Bela responde-lhe que está ali por vontade própria e então a Fera diz ao pai retornar para junto dos outros seus filhos.

Bela é muito bem tratada no palácio. Assim, todas as noites, durante o jantar, ela recebe a visita de Fera, momento muito importante, pois se sente livre da solidão. Sempre ao término da visita, a Fera pede à Bela em casamento, o que ela recusa, deixando, com isso, a Fera muito abatida e triste. Após três meses, a Fera pede-lhe que ao menos nunca o abandone. Bela, portanto, dá sua palavra que não o abandonará, mas que precisa visitar o pai, visto que vira através do espelho que esse está muito doente por conta da ausência dela.

O tempo passa e Bela não volta no prazo estipulado por Fera, por causa de um plano de suas irmãs para que ela desobedecesse à Fera. Na décima noite, em sonho, vê a Fera agonizando. Bela fica muito triste e resolve imediatamente voltar ao palácio. Colocou, então, o anel que recebeu da Fera em cima de uma mesa e foi transportada como num passe de mágica para o palácio. Lá, encontrou a Fera caída no chão, inerte. Mais do que depressa, atirou-se sobre ela e disse que concederia sua mão em casamento.

Fantasticamente, nesse momento, o palácio resplandeceu-se em luz, vida e muita alegria: a Fera transforma-se num belo príncipe. Bela fica muito feliz por tudo, inclusive, reencontra-se com a sua família. Como castigo, uma fada transformou as irmãs em estátuas, permanecendo na porta do palácio testemunhando a felicidade de Bela. A fada, então, moveu sua varinha e todos foram transportados para o reino do

príncipe, onde se casou com a Bela e foram felizes muitos e muitos anos.

A Bela e a Fera é um conto com ricas imagens e um enredo que permite que entendamos implicitamente como estão ocultos os desejos incestuosos na obra e o amadurecimento dos personagens mediante a presença de símbolos que numa leitura menos atenta e ingênua passariam despercebidos, todavia, mesmo assim provocam elaborações inconscientes, uma vez que retrata uma realidade, a realidade interna coletiva a que estamos imersos incapazes de nos desvencilharmos, mas que encontram uma forma de se expressar mesmo sob dissimulação.

Na maioria dos contos, a figura do pai é indiretamente responsável pela maldição ou pelas desventuras da filha. No entanto, nesse conto, explicitamente, o pai é o responsável por arrancar do jardim um ramo de rosas, despertando a fúria de Fera por conta dessa ação. Podemos compreender que no roubo dessas flores, há a simbolização do desejo e do medo inconsciente das meninas que se sentem ameaçadas de serem raptadas ou até mesmo violentadas. Bettelheim citado por Rapucci (1998) diz que roubando a rosa para a filha, o pai lhe mostra seu amor e antecipa a perda da sua condição de donzela, já que a flor partida ou a rosa arrancada simboliza a perda da virgindade.

No conto, é evidente que o conflito de Bela é estar entre o amor pelo pai e as necessidades da Fera. Só tempos depois quando decide abandonar a casa do pai para juntar-se à Fera, é que o sexo para ela se torna belo, pois os laços edípicos são rompidos. Conforme a análise de Bettelheim (1988), o início do conto propõe a visão imatura de que o homem tenha uma existência dualista (animal e racional).

Dessa forma, as manifestações do inconsciente da personagem Bela são representadas por Fera que é um ser feio e rude. Assim, o distanciamento físico entre eles deixa Bela livre para negar sua sexualidade e manter suas pulsões sexuais voltadas para o pai durante o período inicial do conto, o que entendemos como a saída do narcisismo para a entrada no Complexo de Édipo que apesar de acontecer na infância, o sujeito revive esse fato na adolescência e os resultados dele estão presentes na vida de qualquer adulto.

No conto, é nítido que a figura masculina se divide em um pai-bom e um homem-fera. Desse modo, Bela decide viver com a Fera para salvar o pai. Todavia, quando vai rever o pai doente, ela faz que Fera, também adoeça de desejo, pois fica triste e abandonada. Nesse sentido, *A Bela e a Fera* para Bettelheim (1998) é o conto que deixa mais claro para a criança que a ligação edípica com os pais é algo natural, de consequências positivas se durante o amadurecimento for transferido do pai para o amado.

Do pai à fera, da fera ao príncipe, esse conto desenvolve-se como processo de amadurecimento da heroína e de constituição da imagem masculina através de seus desejos, ou seja, no processo de maturação esses aspectos se unem, permitindo a realização humana completa. Nessa perspectiva, o casamento da Bela com a antiga Fera simboliza a cura do rompimento pernicioso entre os aspectos animais e os

aspectos superiores do homem.

Do livro para a tela do cinema, esse conto também mantém encanto e magia que embalam gerações. Já foi representado em várias versões e em 2014, recebeu versão dramática na língua original, a francesa. Diferente da versão Disney, a trama é mais embasada e explica os problemas financeiros do pai da protagonista. Ambientado em 1810, o filme mostra que o problema financeiro da família de Bela começa com o naufrágio do navio: “A Sereia” que tempos depois é encontrado surgindo, assim, uma chance de poder retomar a uma vida de bonança, no entanto, na cidade, o pai acompanhado do filho Maxime, descobre que não tem mais qualquer direito ao navio encontrado e os dois se perdem.

Numa noite com neve, o comerciante chega a um palácio. Alimenta-se bem, recolhe joias para as filhas e arranca uma rosa do jardim encantado. O restante da história segue, basicamente, os rumos do conto narrado, no entanto, com um colorido diferente, pois o cinema lança mãos de inúmeros recursos da tecnologia para atrair a atenção do telespectador como os efeitos especiais, ou melhor, o filme encanta a alma, alimenta as emoções, assim, é um verdadeiro banquete para os olhos.

Além desse filme, também essa história foi apresentada como desenho animado, imortalizada nas telas em 1991 pela Walt Disney, sobre o qual mencionamos aqui algumas passagens que resumem a história a qual se passa em um povoado da antiga França em que Bela é filha de um inventor que, praticamente, ninguém da região lhe dava crédito.

Um dia, aconteceu uma mostra de inventos e ele se perdeu quando se deslocava para o local da feira. Vendo-se perseguido por lobos, deparou com um castelo escuro e feio. Ao adentrar-se no castelo foi amedrontado por Fera, o dono do castelo, que ao perceber o intruso, mostra-se irado, bravo e o torna seu prisioneiro. Fera, na verdade, era um príncipe egoísta que fora amaldiçoado por uma feiticeira. Por conta disso, um grande castigo foi lançado a todos moradores do seu castelo, ou seja, os empregados passaram a viver como objetos e ele como monstro. O feitiço seria desfeito se Fera aprendesse a amar alguém e fosse retribuído esse amor na época que a última pétala da rosa caísse. Caso contrário, ele ficaria condenado para o resto da vida como fera.

No desenho animado a trama foi simplificada. Nele, faz parte da família de Bela somente seu pai, que é apenas um viúvo um pouco excêntrico e não um comerciante falido. Além disso, foi criada a figura de um rival para Fera, sob a forma de um homem de aparência atraente, mas horroroso nos hábitos e nas atitudes. Fera compreende os interesses intelectuais de Bela, pois a moça adora a leitura de um bom livro, bem como, é sensível à liberdade conquistada pelas mulheres. Já o outro, é um homem grosso, sem boas maneiras, um brutamonte que pretende se casar com Bela, só para se aproveitar dos serviços domésticos dela, em que ela apenas se configura como uma mulher para o lar. Com relação a esse personagem, entendemos o fato de ser rejeitado por Bela, ele faz um papel de um personagem narcisista, que tenta e vingar por conta de seu ego ferido, enquanto que Fera, no início, representa uma forma de

narcisismo, uma vez que negou ajuda à velha senhora, o que o fez provocar a ira dela e puni-lo com a transformação.

Sobre a rosa, entendemos que se trata de um elemento indicador de que o amor é um grande aliado no processo de individuação, pois é a partir do roubo da rosa que ocorre a transformação de Bela e da consciência coletiva. Vejamos o que dizem Corso & Corso a respeito desse simbolismo no desenho animado:

Na versão Disney, fica mais realçado o encantamento sofrido por Fera. A rosa é usada como uma espécie de ampulheta, um símbolo do tempo que lhe resta para que o feitiço seja quebrado: com o passar dos anos, as pétalas caem, quando cair a última, ele morrerá sem ter sido amado e perderá a chance de voltar à forma original. Com esse recurso, a história se aproxima mais das tradicionais narrativas de noivos animais. Todos têm algum tipo de prazo, referente ao tempo que a jovem terá de conviver com eles naquela forma horripilante; se tal prazo não for respeitado, novos revezes e sofrimentos são reservados para o casal. (CORSO & CORSO, 2006, p. 137)

Também no desenho animado, há um relato que merece destaque por se tratar de um fato que precede o desenrolar da história: uma fada mal vestida, numa aparência esfarrapada, pede abrigo no palácio e o príncipe lhe nega. Por essa atitude egoísta, e incapaz de amar, foi condenado a ficar sob uma forma repulsiva até que uma mulher, apesar disso, viesse a amá-lo. Por essa razão, Fera precisou aprender a dobrar seu caráter bruto e entender as necessidades dos outros, deixando sua infantilidade para trás. Já na tradicional versão de Madame Beaumont há apenas a menção de que uma fada má condenou o príncipe a viver dessa forma até que uma bela moça consentisse em desposá-lo.

Pelo visto, a história de *A Bela e a Fera*, apresentada tanto na forma tradicional com elementos similares a um conto de fadas, como em forma de desenho animado, é rica em simbolismos, pois se olharmos o filme do ponto de vista social, vemos explicitamente o impacto que teve na época em que fora lançado, pois rompe com velhos paradigmas como a submissão da mulher, e a ideia pré-concebida de que a mulher não possuía interesse pela busca de conhecimento, e no conto, Bela nos passa a ideia de uma princesa que se torna corajosa, destemida, uma vez que aceitou seu destino de proteger sua família enfrentando a Fera quando discutia ou descumpria alguma regra imposta por ele.

Aqui vale salientar uma questão importante com relação ao papel de Bela na história, pois é ela quem salva o seu príncipe no filme, tanto física quanto emocionalmente, como a da cena com os lobos, em que Fera quase morre devido aos machucados providos do combate com os animais e com o rompimento do feitiço, quando declara seu amor. O que não ocorre, por exemplo, com a princesa do conto *A Bela Adormecida*, que é um clássico conto de fadas, em que a personagem principal é enfeitiçada para cair num sono profundo, até que um príncipe encantado a desperte com um beijo provindo de um amor verdadeiro (“Sabendo da lenda, dirige-se ao quarto

da princesa e descobre a jovem mais bela que alguma vez vira, e não resiste a beijá-la. Nesse momento, a princesa acorda, assim como todos os seus habitantes. A vida tinha voltado ao castelo!”), visto que, nesse caso, é o príncipe quem a salva na história.

Diante do já foi discutido, afirmamos o quão é importante a leitura dos contos de fadas, pois através deles, a criança medeia a relação entre os mundos interno e externo, desenvolve a linguagem por meio do simbolismo e pode se experimentar em diferentes papéis no contexto familiar por meio da identificação com os vários personagens do conto (RADINO, 2003).

4 | A BELA E A FERA NA ESCOLA

“Ao usar as palavras, eu as faço minhas do mesmo modo que você, usando as mesmas palavras, as faz, as suas.” (COSSON, 2011, p. 16). Com essas palavras, o autor reflete sobre a importância da matéria prima da literatura que é o uso da palavra trabalhada. Completando essa ideia, ele menciona que por “esse uso simultaneamente, individual e coletivo, que as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam, vestindo de sentido o fazer humano.” Vemos com isso, o quão é significativa a literatura para a vida em sociedade. Mas para a efetização desse papel humanizador da literatura é necessário um processo de mudança na própria escola em que todos os envolvidos na educação precisam ressignificar a forma de lidar com a leitura literária.

A escola e a literatura, em tempos passados, relacionavam-se de forma a estreitar seus laços produtivos, a partir do momento que a língua escrita fosse aprendida pela criança, papel desempenhado pela escola. Mas essa literatura infantil ora surgiu de uma produção para adultos repleta de aspectos moralistas, lições de obediências, tudo isso intencional para que as crianças adquirissem um comportamento moldado, dessa forma, eram bem poucas obras infantis lúdicas com propósito de proporcionar, de fato o prazer de ler.

Com o avançar dos tempos, há uma revalorização da literatura infantil, em se tratando do Brasil, na década de 70 do século passado, com obras que abordam o mundo colorido das crianças, despertando-lhe a atenção para as narrativas que passaram a ser escritas para o público infantil.

Ler para uma criança é um exercício que contribui significativamente para a sua formação cognitiva, pois ouvindo histórias, a visão de mundo dela será influenciada positivamente, ajudando a superar as dificuldades de aprendizagem, a baixa autoestima e discriminações de qualquer tipo que sofrem ou que venha fazer alguém sofrer, evitando que sua qualidade de vida possa correr riscos em sua futura vida adulta. Nesse sentido, é papel importante da escola desenvolver a capacidade física, cognitiva e afetiva dos alunos através de procedimentos, atitudes, conhecimentos e valores, para tanto, contemplar em seu currículo o trabalho com os contos de fadas, pois de acordo com Freud:

Não é surpreendente descobrir que a psicanálise confirma nosso reconhecimento do lugar importante que os contos de fadas populares alcançaram na vida mental de nossos filhos. Em algumas pessoas, a rememoração de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância; elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras. (FREUD, 1913/1980, p.305)

A escola é um ambiente onde convivem diversas pessoas, por isso, podem ocorrer preconceitos decorrentes de diferenças raciais, étnicas e culturais, além de questões que fazem parte das diversas áreas da vida como: conflitos familiar, pessoal, afetivo, profissional e estudantil, o que se justifica um trabalho dinâmico, como por exemplo, a contação de história de contos de fadas, sobretudo tradicionais, leitura dramatizada ou peça de teatro, rodas de leituras, tudo isso, partindo sempre de um planejamento feito previamente que contemple vários objetivos, entre eles, a construção de significados para as histórias e o desenvolvimento do prazer de ler.

Assim, os contos de fadas devem fazer parte do universo infantil desde muito cedo; trabalhá-los com eles, portanto, ampliam o leque de oportunidades, como permitir ao aluno possibilidades de ele criar seus textos, bem como, lançar mãos de várias histórias e construir paráfrases, dialogar uma história escrita com outra forma de representação como um filme, um desenho, entre outras. Convém, no entanto, a esse respeito uma observação sobre a forma como a escola na maioria das vezes trabalha com a literatura, que é privilegiar a leitura de contos em versões modernas ou permitindo que a criança conheça a obra somente através de filmes e desenhos. Salientamos, por isso, que as crianças tenham o contato com a leitura dos contos tradicionais, para que não sejam transformados em mero entretenimento, sem sentido, como afirma Bettelheim no capítulo que trata “a vida adivinhada a partir do interior”:

A maioria das crianças de agora conhece os contos de fadas apenas em versões enfeitadas e simplificadas, que lhes abrandam o sentido e roubam todo o significado mais profundo – versões como as dos filmes e espetáculos de TV, nas quais os contos de fadas são transformados em diversão tola. (BETTELHEIM, 2002, p. 34)

Essa visão defendida pelo autor é a também de muitos professores que trabalham com crianças nas séries iniciais, pois muitas não têm contato com a leitura palpável de um livro, pois as histórias lhes chegam pelas telas de TV, de cinemas ou de outros recursos da tecnologia. Sobre isso, requer ao professor dinamismo para proporcionar ao aluno, o envolvimento dessa criança com o mundo dos livros, sem deixar de lado, logicamente, outras formas de mostrar adaptações de obras que também têm seus elementos ricos de elementos que estimulam a criatividade e a fantasia das crianças. Além do mais, os contos de fadas educam as crianças sob a luz da psicanálise, pois valores neles contidos contribuem significativamente para sua vida adulta. Sobre isso, afirma Pietro:

Os contos de fadas podem servir de mediadores na formação de valores nas crianças, conservando neles até a fase adulta, o sonho de manter acesa a chama

vibrante, intensa e colorida da infância. Pretende-se apontar caminhos, fazendo dos contos de fadas um elo permanente entre a razão e a emoção, como educar as crianças numa era em que a tecnologia tomou conta do mundo, numa globalização onde o individualismo e a aparência teimam em ditar regras e é mais valiosa que a essência. (PIETRO 2000, p.22)

Nesse sentido, convém que trabalhem com os contos de fadas, pois eles estão repletos de questões freudianas, assustadoras para as crianças, como o início da puberdade e o abandono dos pais. Por essa razão, ouvindo ou lendo essas histórias, as crianças encaram vários medos, e acabam lidando com eles. Sob esse ponto de vista, Bettelheim (2002, p. 197) afirma que o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. E Coelho (2000, p. 54) postula que é, pois, nesse período do amadurecimento interior que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fada podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta.

Por tudo isso, ler *A Bela e a Fera* é promover a busca de outros horizontes além do familiar, pois garante à criança que as dificuldades podem ser vencidas, como as enfrentadas por Bela como a de ter de conviver com a figura horrenda da Fera para proteger o pai. Dessa forma, a criança, desprotegida por natureza, sente que também pode ser capaz de vencer os seus medos, os seus desconhecimentos das coisas que as cercam. Assim, aprende a aceitar melhor as pequeninas desilusões do seu dia a dia, pois sabe que, à semelhança do que acontece nos contos, nas histórias que ouve os seus esforços lhe tratarão recompensa. Vale ressaltar que, a criança no seu íntimo, entende muito bem que essas histórias não são reais, porém não as aceita como falsas, visto que suas tensões são aliviadas, o que nos leva à compreensão de que envolver a criança no universo dessas histórias é ao mesmo tempo distraí-la, assim como, promover o desenvolvimento da sua personalidade.

Por conseguinte, é de suma importância a ação mediadora do professor no processo ensino-aprendizagem desses pequenos leitores, de modo, a respeitar-lhes os gostos e as opiniões, pois as crianças sabem dialogar com as personagens dos contos numa interação prazerosa, uma vez que o universo infantil é cheio de fantasias e ludicidade. Assim, o ato de ler contribui, significativamente, na formação cognitiva, psicológica e psicomotora de quem pratica a leitura continuamente. O papel do professor deve ser o de incentivar e estimular a criança a gostar de ler através de diversos mecanismos como a utilização de recursos didático-pedagógicos no sentido de trabalhar a literatura infantil, sobretudo, com os que possibilitam ao aluno a vivência com os livros, para que eles se sintam atraídos pelas histórias e tenham vontade de conhecer os enredos, desse modo sejam motivados a folhear as páginas, deliciar-se com o avançar dos enredos, apreciarem as gravuras estampadas, bem como, vejam e ouçam seu professor lendo entusiasmado as narrativas diárias, o que será um bom exemplo para estimular a vontade da criança a ler por prazer. Vale salientar, no

entanto, que segundo orientações contidas no Caderno do Professor da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, a escuta de textos lidos em voz alta pelo professor, não pode substituir a leitura dos alunos, pois são jeitos diferentes de conhecer um mesmo texto.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões tecidas nesse artigo visam a refletir o quão é importante a leitura na vida de uma criança, sobretudo dos contos de fadas, pois por meio deles, a Psicanálise encontra muitas respostas para diversos comportamentos dos adultos, pois ela, ao trazer um novo discurso sobre o ser humano, destaca que qualquer relação entre sujeitos traz à tona desentendimentos, choques entre idéias, sentimentos de amor e ódio, culpas, ternura mútua, entre outros, ou seja, um misto de emoções e afetos que existem em cada um de nós.

Nesse sentido, a escola, no papel do professor, é uma das entidades responsáveis pela educação dos pequenos sujeitos, pois através dos contos, e aqui com relevância ao conto *A Bela e a Fera*, é possível pensar na criança, o adulto com suas concepções ou com seus preconceitos em relação à infância, bem como, construir um ideal para o adulto, o qual se identifica e se recria por meio dessas personagens marcantes da sua história guardadas dentro de si, fazendo-as voltar à vida toda vez que um novo conflito aparece e precisa ser solucionado novamente. Assim a cada história infantil apresentada de forma incentivadora à criança, a atenção dela é voltada para as situações vividas pelos atores o que lhe são importantes para a construção de sua personalidade, pois os simbolismos dos contos revelam às crianças a severidade da vida, por conseguinte, elas precisam enfrentar vários desafios ao passarem para a vida adulta e por meio da leitura desses contos, elas conseguem entender melhor as suas emoções.

A escola, portanto, na pessoa, sobretudo, do professor que deve envolver também a família no processo de crescimento da criança, precisa estimular, continuamente, o interesse dela pela leitura de contos de fadas, incentivando-a mergulhar num mundo rico de imagens, impressões e enredos, com o propósito de possibilitar aos pequenos, sentidos para as suas vidas, entre os quais, o de que uma das lições aprendidas com a leitura é a de que torna pretendido o bem pela recompensa, sob a forma da posse do objeto da busca, assim como pune as maldades com o fracasso ou com a morte daqueles que se entregam à pulsão destruidora do id. Além disso, há a magia do ouvir o “Era uma vez”, “num castelo muito distante” e o amar-se mutuamente que continuam encantando a maioria das crianças que além de aceitar naturalmente o maravilhoso na obra, espera fielmente aquilo que o conto promete e sempre cumpre: “e foram felizes para sempre.”

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Pedro, 1942- **O fantástico mistério de feurinha: teatro**. 1 ed. são Paulo: FTD, 2001.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução por Arlene Caetano. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 1. ed. SãoPaulo: Moderna , 2000.
- COSSON. Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CORSO, Diana Lichtenstein. & CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GAIMAN, Neil. **Coraline**. Trad: Regina de Barros Carvalho. Rio de Janeiro: Rocco, 2003 Resenha de DIAS, Cecília Maria Tavares. **Resenha crítica do conto Coraline** EBR – Educação Básica Revista, vol.1, n.1, p. p.157-162. 2015. Disponível em: ><http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/REB/article/download/138/347>. Acesso em: 08 jun 2017.
- FREUD, Sigmund. (1980). **A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas**. Em: S. Freud. Obras Completas, vol. XXII, (pp.305-310). Rio de Janeiro: E.S.B. (Original publicado em 1913).
- KAUFMAN, Ana María & RODRÍGUEZ, María Elena. **Escola, leitura e Produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.
- PAÍN, Sara. **Subjetividade e Objetividade: relação entre desejo e conhecimento**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- PIETRO, Heloísa. **Lá vêm Histórias**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2000.
- RADINO, Glória. **Contos de fada e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- RAPUCCI, Cleide Antonia. **Os dois lados de “A Bela e a Fera”: uma leitura dos contos “The Courtship of Mr. Lyon” e “The Tiger’s Bride” de Angela Carter**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 59-78, 1998.

SOBRE O ORGANIZADOR

Ivan Vale de Sousa - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 13, 14, 16, 17, 20, 22

Ambiguidade 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 80, 103, 119, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 37, 75, 101, 102, 108, 110, 132, 133, 135, 179

B

Bilinguismo 14, 15, 20

C

Contexto laboral 60

Contos de fadas 91, 92, 93, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112

Currículo escolar 13, 16, 17, 19

D

Discursos 13, 14, 18, 19, 20, 22, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 84, 86, 90, 128, 131, 158, 172

E

Educação linguística 17, 23, 36

Ensino básico 13, 15, 17, 18, 21

Ensino fundamental 1, 2, 4, 11, 36, 37, 42, 180

Equidade 17, 22

Escola regular 15, 18, 20, 42

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 33, 34, 45, 50, 53, 72, 73, 92, 99, 108, 109, 130, 165, 178, 189, 198, 199

Euripedes 89

F

Figura feminina 60, 61, 66

Formação bilíngue 13

G

Gramática 13, 15, 134, 136, 138, 140, 148, 200

H

Herta Muller 160, 161, 165

Histórias em quadrinhos 179, 180, 181, 182, 187

I

Igualdade 17, 20, 136, 164, 174

Inclusão 4, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 142

L

Lázaro de Tormes 47, 50, 55

Leitura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 24, 27, 40, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 128, 129, 130, 131, 153, 160, 162, 163, 164, 165, 179, 180, 181, 188, 191

Letramento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 35, 36, 37, 39, 42, 112

Língua 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 51, 61, 63, 64, 65, 72, 84, 86, 89, 90, 106, 108, 111, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 155, 181, 189, 198, 199, 200

Língua Brasileira de Sinais 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23

Língua Latina 132, 133, 134, 135, 136

Língua Portuguesa 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 21, 34, 51, 72, 89, 111, 127, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 181, 199, 200

Literatura 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 72, 74, 91, 92, 95, 96, 100, 102, 108, 109, 110, 112, 120, 124, 143, 148, 160, 161, 165, 167, 168, 169, 179

Livro didático 33, 34, 35, 36, 37, 198, 199

M

Memes 127, 128, 129, 130, 131

Metáforas 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 163

Monteiro Lobato 167, 168

Morfologia 137, 138, 142, 145

P

Piada 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 60, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Poesia 7, 113, 117, 118, 152, 156

Psicanálise 64, 95, 101, 102, 103, 109, 111, 112

